

# O TELEPHONE.

## PERIODICO IMPARCIAL

PROPIETARIO E PRINCIPAL REDACTOR—A. DIXIZ.

Publica-se uma vez por semana e assigna-se a 15000 por trimestre para o exterior: pagamentos adiantados. As publicações de interesse particular devidamente legitimadas e acompanhadas de ordem de pagamento.—NUMERO AVULSO—200 Rs.—Typ. e redacção Rua BELLA.

### O TELEPHONE

4 de Outubro de 1888.

#### D. PEDRO SEGUNDO

Ha um anno, a bordo do *Gironde*, partia um homem aquebrado por pertinaz molestia.

Os que foram na hora derradeira da partida tributar-lhe todas as homenagens de summo affecto, viram-no affastar-se das costas da patria como quem baixa á sepultura.

Uma tristeza profunda invadira as almas dos que vivem longe das paixões mesquinhas. Os votos que faziam pela saude daquelle ancião vergado ao peso do mal que o consumia, escapavam tremulos dos labios de uma população inteira, que dizia-lhe o adeus da despedida quasi a soluçar.

Todas as esperanças, todas as illusões desfaziam-se ante aquella figura veneranda, abatida, o olhar amortecido, assemelhando-se a uma sombra phantastica a perigrinar na terra.

Naquelle instante da separação, cercado de seu povo, silencioso, a fitar distrahiadamente o paucuma gigantesco e sublime dessa natureza sem igual no mundo; insensível a todas as manifestações que lhe eram trazidas, mostrava mais do que a resignação—era um indifferente.

Correram os tempos, tempos atroz para os que seguíam com o coração o ente amado.

A todo instante esperava-se a nova fatal do termo daquelle agonia.

Ninguem acreditava que de novo um dia elle voltasse á patria. Todas as esperanças eram perdidas; em todas as almas o desespero era enorme.

Mas assim não foi. D. Pedro II, o agonizante de ha um anno, voltou.

Sua natureza privilegiada soube affrontar o mal, resistir ás fadigas da vida; um pequeno repouso restituiu-lhe de novo o vigor dos tempos passados, chega recebido pelas acclamações festivas desse mesmo povo que ha mezes pensava, quando elle partia, assistir a seu funeral.

O entusiasmo dos brasileiros é enorme, não se mede.

E' que elles pagam uma divida de gratidão ao organisador de sua nacionalidade.

D. Pedro II é indubitavelmente o mais notavel dos brasileiros, apreciado mesmo longe de sua posição hierarchica.

Governou ha meio seculo o paiz, soube S. M. preparar-o para o grandioso papel que o futuro reserva-lhe em epocha não mui remota.

A historia politica e social do segundo império consignará seu nome como o mais energico propulsor do progresso do Brazil, como o homem que mais dedicou-se

á causa publica durante o periodo difficil da formação da nacionalidade.

Diver as vezes, como sempre aconteceu na historia dos paizes que começaram, abrem-se revoltas, principis de revolução que tribulamente soube o monarca soffocar, sem que os vencidos se convenissem guardarem-lhe o nome.

Tambem nem um d'elles nasceu de um sentimento contrario á pessoa do monarca; e se uns tambem tomaram um caracter verdadeiramente republicano, era isso devido ao espirito de resistencia, e não porque uma convicção contra a forma de governo animasse os insubordinados.

Planta exotica na America a monarchia, o Sr. D. Pedro II soube consolidal-a, não pela especulação, mas pela sua sabedoria, dedicando-se ao bem do seu povo, a quem consagrou todos os minutos de sua vida.

Roi pobre, sem uma corte resplendente, elle só conhece da vida o lalo amargo—o trabalho.

Nunca teve os gozos dos soberanos que esquecem o povo no fausto das grandezas, que consomem a o tempo em caçadas, em sumptuosidades sem nome.

Oscuram-nte para um príncipe viveu sempre o monarcha brasileiro, cujo unica distração das horas de lazer é a sciencia.

Como politico foi sempre o escolho de encontro ao qual quebraram-se todas as ambições desmedidas, todas as tentativas de especulação que de quando em vez surgiam.

A sua vontade em mais de uma occasião fez sentir-se enérgica, impoído, mas sempre para o bem.

Fidélge pelo nascimento, soube selo em todos os actos de sua vida.

O Brasil deve-lhe tudo que tem.

Se é certo que ha uma justiça para os reis, justiça que não transge, que ligo d'ellas as paixões julga imparcialmente, o Sr. D. Pedro II terá a sentença unica que merece—a gloriação de seu reinado.

Coastem-lhe tudo, mas não poderão contestar que foi elle, como o mais desinteressado dos brasileiros, quem organizou a nação.

Se houve alguma coisa que elle esquecesse foi a sua pessoa.

E o resultado de todos esses sacrificios, a prova eloquente de sua exagerada dedicação á causa publica, ahí está nessa molestia que o levou, moço ainda, ás portas da morte.

Se em vez de entregar-se ao trabalho com tanto ardor, se em vez de preoccupar-se tanto com os interesses do paiz, tivesse sido um descaidado, vivesse mais para gozar de sua posição, elle não estaria hoje aquebrado, cheio de cansaço, exausto.

Seu temperamento, porem, é daquelles que não permitem a vida automaticamente, de simples figurante.

Entendeu que devia a seu povo

toda sua actividade e deu-lha em troca de seu proprio sacrificio.

Conquistou, é certo, a gloria do mesmo levante em cada coação ou altar.

E é d'ahi as explosões entusiasticas do povo jubilo de todos pela sua volta a patria amada, essa patria que elle vem encontrar lavada de vergonha a mancha da escravidão.

Com sua volta o paiz sente-se renascido. Vê de novo a reger seus destinos o grande homem que ha meio seculo, o couz em marcha ascendente para o grande papel que reserva-lhe o futuro.

En torno de D. Pedro II, o Brazil, como uma immensa familia, prostra-se feliz por poder receber a benção de seu benefactor.

Hoje que elle nos volta e que de todos os pontos se ouvem as acclamações festivas do triumpho, cumprimos um dever de coração saudando-o.

E não esquece tio pouco a patria a figura santa de sua imperatriz, a companheira boa e fiel de seu imperador.

A senhora D. Threza Christina que com elle partiu, que sempre a seu lado velou pela sua saude, conta em cada brasileiro um coração dedicado, um reverenciador de sua pessoa pelas elevadas qualidades de sua alma.

Seu nome basta para despertar os mais doces sentimentos.

Acorda nos ao espirito sua imagem envolta num nimbo de santa.

Feliz mulher que tens um povo que ajoelha-se a teus pés, como demonstração do grande respeito que tu lhe impões.

A *Gazeta da Tarde* cumpre um dever, manifestando aos imperatores o sentimento que a animo no dia em que volve a patria que tanto os estremece.

(Da "Gazeta da Tarde")

#### Meeting.

No tarde do dia 30 do passado realizou-se no theatro *Concordia*, uma imponente reunião promovida por quase todo o corpo commercial desta praça para o fim de representar ao governo provincial contra o projecto de lei, pendente de sancção, que criou o imposto de transitio.

Ocararam os srs. Conego Thomaz e dr. Hygino Cunha, depois do que foi resolvido que se dirigisse ao governo uma representação contra o imposto em projecto e para esse fim, foi nomeada uma commissão, composta de 7 membros, tendo como seu relator o dr. Hygino Cunha.

Reinou grande enthusiasmo durante a reunião e foram levantados estrepitosos vivas á liberdade de industria e outros analogos.

Ao terminar a reunião todos, incorporados, tendo a frente a

musica policial, acompanharam os srs. Conego Thomaz e dr. H. Cunha, ás suas residencias, onde estes se fiseram de novo ouvir e mais o sr. capitão José de Castro Lima.

A commissão nomeada deu conta da sua missão, apresentando a s. exc. a representação combinada, no dia 2 do corrente.

Applaudimos a attitude do corpo commercial em presença do acto da reunião da assembléa, que votou o vexatorio imposto gravoso sem divida aos interesses do commercio e mais ainda ao do povo já tão sobrecarregado de penosos contribuições.

Apreciando os actos da assembléa na 1.ª phase da sua actual sessão, já dissemos francamente, que não lhe era lícito crear mais uma só contribuição, depois que manteve despesas que podiam e deviam ser cortadas.

Os seus actos nesta 2.ª phase não destararam d'elles.

Mantemos portanto a nossa opposição: o imposto votado é uma injustiça.

Se a assembléa, inspirada-se nos seus altos deveres, e tendo em vista o lastimavel estado financeiro da provincia, tentasse restaural-o com medidas extremas de particularismo, toda contribuição seria supportavel; mas, não tendo assim procedido, não consultou os interesses da provincia; não cumpriu os seus deveres. E' portanto uma inleccencia o imposto que vem de lançar sobre o povo para amparar e proteger interesses de campanario.

Com o commercio fazemos o nosso protesto contra a nova medida tributaria, que alem de tudo, peca por inconstitucional; e appellamos para o exm.º sr. presidente da provincia, que, intelligente e justo, como se nos alligura, sabrá corrigir o acto attentatorio da assembléa provincial.

#### Representação do commercio.

No dia 30 de setembro ultimo teve lugar no salão do theatro *Concordia* uma reunião de commerciantes para o fim de solicitarem de S. Exc. o sr. Presidente da Provincia providencia contra a resolução da assembléa provincial que criou a imposto de transitio.

Depois de alguns discursos, foi nomeada uma commissão composta dos srs. Ricardo Teixeira, Pedroreira Portellada, Domingos de Azevedo, José de Sant'Anna, Manoel da Paz, Raimundo Farias, e dr. Hygino Cunha, como relator, para representarem perante a presidencia. A commissão dirigiu-se no dia 2 a palacio e apresentou ao exm. sr. dr. Raimundo José Vic-

ta da Silva a representação que abaixo vai publicada e S. Exc. recebeu-a com as boas maneiras que o distinguem prometteu tomal-a na devida consideração.

Como em todas as causas ha sempre opiniões pró e contra, a representação do commercio tem tido impugnadores.

No entanto, o commercio continúa a depositar grande confiança no saber e patriotismo do joven administrador da provincia e não podia deixar passar sem um protesto o acto da assembléa que vem feril-o profundamente nos seus interesses.

Filho de carinhos mal entendidos e do espirito de *covardia* apaixonado e precipitado, o projecto, de que se trata, é uma extorsão injusta, inconstitucional e inconveniente, que deve voltar para ser pensado e reformado sob vistas mais largas e mais patrioticas.

#### ILLM.º EXM.º SR. PRESIDENTE DESTA PROVINCIA.

Os abaixo assignados, negociantes residentes nesta cidade de Theresina, vém respeitosa e sollicitar de V. Exc. providencias afim de que não seja sancionada a Res. n. 75 da assembléa legislativa provincial, que criou o imposto de transitio, uma exigencias injusta, vexatoria, inconstitucional e contraria aos interesses da provincia, como V. Exc. verá das razões exaradas nesta petição.

Como uma divida que recae individualmente sobre todos aquelles que se acham collocados sob a protecção da ordem social e participam de suas vantagens, o imposto é uma necessidade a cuja satisfação ninguem tem o direito de subtrahir-se.

Mas a faculdade de votar impostos, que nos paizes livres incumbe aos representantes do povo, não é, por certo, illimitada, não vai ao ponto de, sob o pretexto de salvação publica sacrificar os direitos e interesses de uma industria qualquer, maxime quando essa industria é o principal elemento de vida e riqueza de uma determinada aglomeração humana.

O commercio thesesinaense lastima profundamente o estado financeiro da provincia, assoberbada por um deficit crescente, que tem sido objecto forçado de todas as peças officinas e officiosas, de repetidas queixas e lamentação. Nota, porem, com desprazer, que as principaes e mais urgentes medidas para remediar o mal não têm sido tomadas até hoje. As despesas excessivas, que attestam os orgamentos provinciales, não estão absolutamente de accordo com os principios da economia, que é uma virtude e condição de prosperidade tanto para os individuos como para os corpos collectivos. A provincia convida a fazer gastos superiores ás suas forças e nem o receio da banca-ruta a tem feito

recuar na senda dos desperdícios. Como exemplo, basta citar o numero crescido de verdadeiras sinecyras q' existem com o nome de em pregas provinciais. E as sinecyras tem dois resultados desastrosos, além de outros grandes males de conseqüencia: as funestas e incalculáveis: exaurir os cofres publicos e crear ociosos. Com rigorosas economias e melhorando se o systema de arrecadação dos impostos ja consignados em leis anteriores, ter-si-ia conseguido a salvaguarda da provincia, o seu completo equilibrio financeiro, sem mais vexames para trabalhadores e consumidores. Mas pouco ou nada disto se tem feito, e recorre-se ao meio mais immediato, porém mais inconveniente e desastrosado, de lançar impostos sobre impostos, prejudicando se o commercio e a lavoura nas suas mutuas relações economicas. O commercio de Theresina, acanhado e já on'rado de pesados impostos geraes, provinciais e municipais, como é facil verificar nas respectivas repartições fiscaes e em qualquer estabelecimento commercial desta praça, não pode, sem grave prejuizo, acartelar com o excesso de despesa que lhe impõe a citada resolução provincial n.º 75.

Algodão, couros de gado vacum, de cabra, ovelha, solla e fumo pagam direitos geraes e provinciais em grande escala, além impostos municipais e outras despesas. Ora, Exm.º Sr., lançar novo imposto sobre estes generos que são os principaes do pequeno commercio de exportação desta provincia, é uma verdadeira extorsão, uma medida vexatoria e altamente contraria ao espirito de empresa, á industria mercantil e á lavoura; é pôr um entrave terrivel ás relações mercantis, é crear o desanimo e esterilisar as fontes da riqueza publica! Nestas circunstancias, está claro que o projecto da assembléa legislativa provincial não convém aos interesses da provincia e como tal não deve ter a sanção de v. exc. (Art. 13 do Acto Adicional).

Tratando da justiça na distribuição dos impostos, Adão Smith faz preceder a discussão das diferentes taxas de quatro maximas, das quaes só a primeira tem applicação ao caso vertente: «Os subditos de um Estado, diz o grande economista inglez, devem contribuir para a manutenção do governo, cada um, o mais possível, em proporção de suas facultades, quer dizer, em proporção dos rendimentos de que goza sob a protecção do Estado.» Eis o ideal da justiça fiscal segundo A. Smith: a proporcionalidade da contribuição ás facultades de cada um.

A verdadeira justiça em materia de imposto, acrescenta Paul Clauwés, consiste em que cada um pague uma mesma quota—parte de seus rendimentos. . . . O Estado obra em virtude de uma presumpção, a saber que as facultades do contribuinte dão a medida approximativa das vantagens que elle aufero da ordem social.

Os repetidos impostos que pesam sobre os negociantes theresinenses, embaraçando-lhes os movimentos, estarão por ventura de accordo com as suas facultades, com os seus rendimentos, com as vantagens que elles retiram da ordem social?

Ou, pelo contrario, é esse commercio acanhado, sem os impulsos de uma larga iniciativa, sem rendimentos bastantes para fazer face a todos os seus compromissos, assim onerado por multiplos impostos, quando a lavoura luta

com serios embaraços pela transformação da lavoura? . . . O projecto provincial é por consequencia contrario á justiça distributiva e aos principios da sciencia economica; logo não deve subsistir.

Ainda não é tudo: esse projecto não pode deixar de offender indirectamente impostos geraes, o que seria facil demonstrar por deducções e considerações de ordem economica. E não só por essa razão mas também por legislar sobre impostos de importação, elle não merece a sanção presidencial, visto achar-se em conflicto com a lei organica das assembleas provinciais (Art. 12 do Acto Adicional.) com os principios do direito administrativo patrio (V. do Uruguay, Estudos Praticos sobre a administração das provincias, vol. 2, cap. 8.º, § 566).

Nos países livres, exm. sr., todos os poderes são limitados; nenhum pode euguer se impotente para impor a sua vontade como a ultima ratio das cousas. Felizmente para impedir que os desvios, as paixões e a irreflexão das assembleas provinciais, produzam todos os seus efeitos nocivos é que existe a sanção presidencial.

«O direito de sancionar que aos presidentes compete . . . constitue não só uma prerogativa sua, mas lhes fornece armas que os habilitam a impedir e obviar os males que podem resultar de medidas precipitadas ou apaixonadas, é uma arma defensiva, uma égide, com que o poder executivo defende as suas prerogativas contra os excessos do legislativo, e a não ser ella effcaz, em breve se confundiria n'ambos os poderes» (B. P. de Vasconcellos.)

E' sob esta égide que os abaixo assignados collocam os seus direitos e interesses, e despendendo-se de mais considerações, por isso que muito confiam no saber, patriotismo e espirito de justiça de V. Eex., aguardam impacientes o mais justo deferimento.

E. R. M.º

- Theresina, 1 de outubro de 1888
- Ricardo José Teixeira
- Antonio G. Pedreira Portellada
- Domingos R. da Azevedo & C.ª
- José Antonio de Sant'Anna
- Manoel Raimundo da Paz
- Raimundo Antonio de Farias
- José Felix Alves Pacheco
- José Martins Teixeira
- Benedicto Canario Porto
- Raimundo Gomes de Sousa
- Francisco da Silva Rabello
- Simplicio José da Silva
- Antonio Marques Guimarães
- Antonio G. Portellada Sobrinho.
- José T. vares da Silva & C.ª
- Manoel José Moreira Leão
- Francisco Ribeiro Soares
- Joaquim José da Cunha
- Joaquim Ferreira C. Branco
- Martinho da Cunha Machado
- Joaquim Alves de Sá
- Raimundo José da Silva
- Manoel Thomaz de Oliveira
- Silvestre de Sousa Barros
- Raimundo Antonio Marques
- Jardelino Francisco B. d'Amorim
- Joaquim Faustino Marques
- Antonio Alves da Costa
- José Francisco de Paula.
- Valentin Pinto de Oliveira.
- Pedro de Alcantara Beserra.
- Jasuiuo José Ribeiro
- Irmãos Oliveiras
- Custodio Ribeiro Reverdosa
- Felicissimo Desiderio Ramos
- Martinho Cardoso da Silva.
- Galdino Mendes Frasin.
- Alfredo Gentil de A. Rosa.
- Francisco Alves de Paiva & C.ª
- Avelino José Martins.
- Antonio Pinto de Mesquita.
- P. P. de Honorio Parente,

- Firmino Alves Cardoso e Paz.
- Nabor Alves Maya Pinto.
- Por minha mulher Elisa Brasileira de Moura,
- Joaquim Amaro Brasileiro.
- Macario Fernandes Lima.
- Nicomedes Mendes de Sousa.
- O procurador de O'Donnell de Alencar, M. Mayer.
- Manoel Vieira Macuripe.
- José de Castro Lima.
- Arias de Moura Rios.
- Alpio Dias Ribeiro.
- João Roberto Ribeiro.
- Antonio Correia Lima.
- Joaquim José da Silva.
- Francisco Pereira Santiago.
- Antonio Alves da Silva.
- Mircoiullo Correia Lima.
- Manoel Pereira da Costa.
- Francisco C. do Nascimento.
- Franco M. de Carvalho e Silva.
- Francisco R. de Carvalho e Silva.
- Francisco Soares Civalante.
- Belchior da Cruz de Oliveira.
- Agostinho Aprigio Marques.
- João Alves de Paiva.
- Manoel Correia Lima,
- José Correa Lima
- José Carlos Correia Lima.
- Sebastião Pereira Lopes.
- Pedro José de Moura Leal.
- Jão de Deus de Farias.
- João Antonio Freire.
- Antonio Xavier de Moura.
- Vicente Ferreira Barbosa.
- Arlindo Correia Lima.
- José Fortado Belles.
- Guimarães & Genro.
- Por Collect Antonio da Fonseca,
- Deolindo Fonseca.
- Genálio Rodrigues de Queiroz.
- Joaquim Dias de Sant'Anna.

COLLABORAÇÃO.

ABASTECIMENTO E DISTRIBUIÇÃO D'AGUA A UMA CIDADE.

A agua, segundo Debanve, é necessaria não somente á todas ás artes como também á propria vida do homem e dos animaes. E' com grandes despesas que vamos procurar a longe para trazer-a para as cidades e villas.

Ella presta grandes serviços á humanidade: pela sua extrema fluidez, ella tende constantemente a descer para as fontes as mais baixas, e cahindo dá ella lugar a um trabalho, que recolhemos, para fazer mover as nossas usinas e que nada nos custa. Nas machinas a vapor é ella o interme-diario que transforma o calor em trabalho mecanico.

Espalhada pela superficie da terra ella transmite á vegetação uma benfica humidade e dá fertilidade a um terreno arido:

E' a irrigação que produz estes resultados.

As aguas que se evaporão do mar e da superficie inteira do globo accumulão-se na atmosphera, ahi condensão-se e cahem de novo sobre a terra para voltarem ao seu ponto de partida, percorrendo assim um cyclo inteiro; recolhidas pelos cumes e vertentes das montanhas ellas os solapão e arruinão, trabalhando sem descansarem em nivelar a superficie da terra.

O lodo e a areia, que ellas arrastão consigo, depositão se, logo que a velocidade é natural ou artificialmente retardada. Ella transforma os pantanos em terrenos fertéis, transformação esta que tem o nome de «colmatage.»

Os rios são estradas que caminão; elles arrastão no seu curso os corpos fluctuantes que se lhes confia e transportão com poucas despesas massas enormes de materias pesadissimas.

E', pois, a agua o mais economico meio de transporte, e não é para admirar que, depois de se ter servido dos rios naturais, o homem tenha creado os rios artificiaes isto é, os canaes.

Até aqui não temos considerado a aguasênão pelo seu lado util; ella é muitas vezes um poderoso auxiliar, porém outras vezes apresenta-se como um inimigo terrivel, que é preciso combater.

Ha torrentes e rios que solapão as suas margens e devastão os campos visinhos com as habitações se não se lhes contivesse entre diques elevados e resistentes. Ha outras que se intumescem sob a influencia das chuvas e da fusão das neves e sahem do seu leito para cobrir valles inteiros.

Pertence ao engenheiro procurar os meios capazes de prevenir ou diminuir iguaes desastres.

A' elle tambem cabe sanear os pantanos e dar escoamento ás aguas que os cobrem, afim de dar um só productivo á cultura.

Em certos pontos a agua não cobre a superficie da terra: ella infiltra-se no interior, ahi deposita-se e pelo excesso de humidade torna a cultura improductiva.

E', pois, preciso dar escoamento a esta agua depositado, sem entretanto alterar o terreno immediatamente; este resultado se obtem por meio da canalisação subterranea que se chama «drainagem».

Das questões principaes prendem-se ao abastecimento e distribuição d'agua á uma cidade, a saber:

1.ª—Indagação dos mananciaes mais favoraveis ao fornecimento d'agua, devendo-se sempre preferir aquelles de agua muito boa e situadas em posição de facil conducção.

2.ª—Distribuição d'esta agua. Esta ultima questão exige as seguintes operações:

1.ª—Planta da cidade por onde tem de ser conduzida a agua.

2.ª—Nivelamento do terreno desde a nascente ou manancial até o reservatorio de distribuição.

3.ª—População de localidade, afim de que se possa saber exactamente qual o volume ou quantidade d'agua necessario.

Relativamente ao abastecimento d'agua propriamente dito tem o engenheiro os seguintes problemas a resolver:

1.ª—Meios a empregar para a obtenção d'agua.

2.ª—Conducção da agua das nascentes ou matrizes ao reservatorio de distribuição.

3.ª—Quantidade d'agua que deve fixar a cada pessoa.

4.ª—Determinação do volume capaz de fornecer, as nascentes ou matrizes.

5.ª—Qualidade da agua.

6.ª—Determinação dos diâmetros dos tubos do eucanamento.

7.ª—Obras necessarias á um bom abastecimento.

Meios a empregar para a obtenção d'agua.

Os antigos explicavão o origem das fontes dizendo que a agua vinha de debaixo da terra e subia as montanhas por effeito da evaporação, sendo então ahi encontrada.

Hoje o facto se explica pelas chuvas q', infiltrando-se pelo sólo fazem com q' uma parte das aguas appareça em lugares apropriados, formando as fontes, e a outra se evapora.

Os vapores, provenientes d'esta evaporação condensão-se novamente e gerão outras fontes.

As aguas destinadas ao suprimento de uma localidade são de

naturezas diversas; vamos estudal-as successivamente:

1.ª—As fontes naturais offercem as aguas as mais convenientes para as distribuições publicas approvadas, quando a sua composição chimica é satisfatoria. De facto, as aguas das fontes são limpidas e sua temperatura é ordinariamente pouco variavel, condição esta de alta importancia para os usos domesticos e industriaes.

2.ª—As aguas dos rios, elevados por meio de machinas ou devedas para canaes especiaes, são frequentemente empregadas para as necessidades das grandes e pequenas cidades, como acontece aqui no Piahy, onde a agua do Parnahyba é utilizada nos diferentes usos.

Estas aguas, cuja composição é muito variavel, não só de um rio a outro, mas para um mesmo curso d'agua de uma estação a outra, apresentam, em geral, dous inconvenientes para este uso; sua temperatura varia constantemente em limites multoextensos.

Por outro lado ellas são muito raramente, completamente limpidas e tornuo-se muitas vezes, sobretudo no inverno, completamente sujas.

As aguas das fontes são, pois, por todos os principios, preferiveis ás dos rios; entretanto, quasi todas as grandes cidades são suppridas pelo rio que as atravessa, como justamente acontece aqui em Theresina, Amrante e Parnahyba; as economias realisadas sobre o custo do primeiro estabelecimento compensão as despesas com a filtração.

3.ª—A agua dos pozos ordinarios, que em gran le parte entra no supprimento das cidades, villas e aldeias.

4.ª—Os lagos são algumas vezes empregados para accumular as aguas das chuvas, destinadas ao supprimento de uma cidade. Os lagos propriamente ditos, geralmente pouco profundos e mal alimentados, não devem ser aproveitados. Os lagos profundos são ao contrario, excellentes reservatorios. O lago Katrin, que alimenta Glasgow é um exemplo notavel de distribuição d'esta especie.

5.ª—Os pozos artesianos, que prestão grandes serviços ao supprimento d'agua ás cidades.

6.ª—As aguas das chuvas, finalmente, recolhidas directamente em vastas cisternas é o ultimo meio para a obtenção d'agua.

Acontece muitas vezes não se encontrarem fontes naturais de onde se possa tirar agua; neste caso procura-se um lugar, onde ella existe debaixo do sólo e applica-se processos especiaes para sua extração. Os antigos em regavão os seguintes processos para indagação de um lugar, onde existisse aguas subterraneas:

1.ª—Observação de manhã e de encontro á luz solar se havia vapores aquosos na atmosphera. Se houvesse sabião que no lugar onde estavam havião aguas subterraneas.

2.ª—Fazião pequenos pozos de 3 pés de diametro, onde collocarão um vaso estanhado cercado de uma pelle qualquer. Se no dia seguinte encontravão o vaso com vapores aquosos sabião que ali existia agua.

3.ª—Cravarão no chão uma varinha e sobre ella equilibrarão horizontalmente uma outra que tinha em uma das extremidades uma es'ponja, a qual, absorvendo os vapores aquosos, desequilibrarão a varinha horizontal, indicando assim a presença d'agua.

Hoje conhece-se a existencia d'agua em um lugar:

1.º—Pela configuração dos terrenos.

2.º—Pela natureza de suas camadas, que devem ser permeaveis na parte superior e inpermeavel na inferior.

Vejamos agora como crear fontes, onde ellas não existem:

As aguas, provenientes das chuvas, poderão escoar-se passando junto de uma camada de argilla (barro), e n'este caso, ou ella passa por cima, ou passa por baixo dessa camada. Conforme o caso varia o processo a empregar-se:

Se elle passa por cima constroese uma muralha, de modo e represental-a, e eleva-se ella á caixa ou reservatorio de distribuição por meio de machinas. E' este o systema empregado na Bahia, onde a agua é levada á caixa de distribuição por meio de uma machina de força effectiva de 50 cavallos-vapor.

Se a agua acha-se em uma profundidade tal, que não pode ser aproveitada, n'este caso toma-se com o pluviometro nota da quantidade d'agua que cahe annualmente e calcula-se o volume ou quantidade d'agua necessaria a população da localidade. Escolhe em seguida um declive doce (2º/10) e cava-se uma valleta de 2.º de profundidade. Feito isto firma-se com agrilla batida uma camada inpermeavel no fundo da valleta e trace-se outro parallela a primeira. Embaixo faz-se uma muralha, onde collocar-se uma torneira.

No intervallo comprehendido entre as duas valletas, planta-se vegetaes de copa rasteira para diminuir a evaporação.

D'este modo imitando-se a natureza pode se obter agua.

Theresina, 3 de outubro de 1888.

Narciso Ferreira da Silva Santos.  
Engenheiro civil.

## CARTA DE PARIZ.

Paris 28 de Agosto de 88.

Estavamos á ceiar n'um restaurant nocturno da praça da Opera—portuguezes, francezes e brasileiros—Tratava-se de politica, (inevitavelmente) das tres eleições do general Boulanger (Viva o Padeiro!)—tremenda espiga para o governo—das acções de Panamá, do emprestimo turco—que sei eu? Afinal, entre dous bocejos, roguei aos meus companheiros que reservassem um cantinho da conversação—um buraco de dente—á olvidada litteratura.

—E' verdade, fallemos n'isso.—opinou um francez, zeloso partidario do genero insipido, atoleimado—Fallemos dos nossos bons autores—Montepin, Queroult, Richebourg.

—Lerias!—retorquiu outro—Semelhantes casmurros, da eschola de Ponson de Terrail, nem prestam para engraxar as botas do Zola. E' este o verdadeiro romancista, o olho de lynca que repara nos menores detalhes, observa as mais imperceptiveis acções, descrevendo com apurado saber quanto vê, quanto percebe. Todos se recordam haver contemplado scenas analogas aquellas dos seus romances—tão surprehendedentes são as suas descrições. Mas o difficil é poder traçal-as magistralmente. E' ahí que a porca torce o rabo—como

se diz em casa do sr. Marechal Mac-Mahon. Já lhes disse, não conheço rival de um polo ao outro. Isso lá não soffre duvida.

—Sem costestar o talento de Zola—acudiu um brasileiro—declaro haver excellentes litteratos no Brazil—embora nos tractem de barbaros.

—E nós!—exclamou um portuguez—Pois não temos o Alexandre Herculano, o Castilho, o Castello Branco!

E superior a todos—acrescentei com firmeza—o Eça de Queiroz. Ao seu tornozelo, nenhum chega—nem e Herculano, com o seu bolorento Eurico, nem o lambisgoia do Castilho embora empoleirado na «Copa da sua olata» nem todos os outros. Esse sim, póle ser comparado a Zola. E' sem contestação o Zola portuguez.

Olhe que não é tanto!—clamaram ao mesmo tempo, brasileiros e portuguezes—Ha exagoro.

—Não senhores—repliquei. E' o melhor escriptor portuguez, cujas obras teriam rendido fortuna respeitavel escriptas em francez. Portugal em peso deveria se inclinar ante esse vulto. Que dizem da sua Reliquia? Confesso ser um primor—a mais vigorosa chicotada applicada ás bitaculas dos carolas.

Aquelles que tinham lido o bello romance, alongaram o beico-encolheram os hombros, em signal de reprovação. Julgarem os leitores pelos trechos que lhe offereço quem tem razão:

Leiam a exclamação do Raposo desejando pilhar os bens que a sua carolissima tia destinava aos morcegos:—«Porque agora eu estava bem decidido á não deixar ir para Jesus, filho de Maria, a aprazivel fortuna do commendador G. Godinho. Pois que! Não bastavam ao senhor os seus thesouros incontaveis; as sombrias cathedraes de marmore que atulham a terra e a entristecem; as inscripções, os papeis de credito que a piedade humana constantemente averba em seu nome; as pás d'ouro que os Estados, reverentes, lhe depositam aos pés trespassados de pregos; as alfaias, os calices, e os bolões de punho de diamantes que elle usa na camisa, na sua igreja da Graça? E ainda voltava, do alto do cruceiro, os olhos vorazes para um bule de prata, e uns insipidos predios da Baixa! Pois bem! disputaremos esses mesquinhos, fugitivos haveres—tú, ó filho do Carpinteiro, mostrando á titi a chaga que por ella recebeste, uma tarde, n'uma cidade barbara da Asia, e eu adorando essa chaga com tanto medo e tanto fausto que a titi não possa dizer onde está o merito, se em ti que morreste por nos amar do mais, se em mim que quero morrer por não te saber amar bastante!». Assim pensava, olhando de travez o ceo, no silencio da rua de S. Lazaro.

Quando cheguei á casa, senti que a titi estava no oratorio, sozinha, á rezar. Enfiei para o meu quarto sorratamente; descalcei-me; despi a casaca; esguelhei o cabelo, me atirei de joelhos para o soalho—e fui assim, de rastos pelo corredor, gemendo, carpindo, esmurrando o peito, clamando desoladamente por Jesus, meu Senhor...

Ao ouvir, no silencio da casa, estas lugubres lamentações de arastada penitencia, a titi veio á porta do oratorio, espavorida.

—que é isso, Theodorico, filho, que tens tú?...

Abati-me sobre o soalho, aos soluços desfallecidos de paixão divina.

—Desculpe, titi... E-tava no theatro com o dr. Margaride; estivemos ambos a tomar chá, á conversar da titi... E vai de repente ao voltar para casa, allí na rua Nova fiquei á pensar que havia de morrer, e na salvação de minha alma, e em tudo o que nosso Senhor padecera por nós, e dá-me vontade de chorar... chamava a titi, faz favor, deixa-me aqui um bocadinho só, no oratorio, para illiviar...

Muda, impressionada, ella accendeu reverentemente, uma á uma, todas as velas do altar. Chegou, mais para a borda uma imagem de S. José, favorito da sua alma, para que fosse elle o primeiro á receber a ardente rajada de preces que ia escapar se, em tumulto, do meu coração cheio e ancioso. Deixou-me entrar, de rastos.

Depois, em silencio, desapareceu, cerrando o reposteiro com recato. E eu allí fiquei, sentado na almofada da titi, coçando os joelhos, suspirando alto—e pensando na viscondessa de Souto Santos ou de Villar-o-Velho, e nos beijos vorazes que lhe atiraria por aquelles hombros maduros e succulentos, se a pudesse ter só um instante, allí mesmo que fosse, no oratorio, aos pés de ouro de Jesus, meu Salvador!

E que tal a viagem do Raposo á terra Santa, em busca da famosa reliquia, destinada á sua querida tia? E' de chupeta a visita ao Santo Sepulchro. Leiam e saiborem:

«—Ora aqui estão os cavalheiros deante do Santo Sepulchro—Fechei o meu guarda chuva. Ao fundo de um adro, de lages descolladas, erguia-se a fachada de uma igreja, caduca, triste, abatida, com duas portas em arco: uma tapada já á pedregulho e cal como superflua; a outra timidamente, medrosamente anteaberta. E aos flancos debeis d'este templo soturno manchado de tens de ruina, collavam-se duas construcções desmanteladas, do rito latino e do rito grego—como filhas apavoradas que a Morta alcançou, e que se refugiam ao seo da mãe, meia morta também e já fria.

Culcei as minhas luvas pretas. E immediatamente um bando voraz d'homens sordidos envolveu nos com al-rido, offerecendo reliquias, rosarios, cruzes, escapularios, bocadinhos de taboas aplamadas por S. José, medalhas, bentiños, frasquinhos de agua do Jordão, cirios, agnus-dei, lithographias da Paixão, flores de papel feito na cidade de Nazareth, pedras benzidas carochos, d'azeitona do Monte Olivete, e tunicas «como usava a virgem Maria!». E á porta do Sepulchro de Christo, onde a titi me recommendara que entrasse de rastos, gemendo e resan-lo a corda—tive de esmurrar um malandrão de barbas de ermita, que se dependurara da minha rabona, faminto, rabido, ganilo que lhe comprassemos boquilhas feitas de pedaço da arca de Noé.

—Irta, caramba, larga-me animal!

E foi assim, praguejando, que me precipitei, com o guarda-chuva á pingar dentro do santuario sublime onde a Christandade guarda o tumulo do seu Christo.» (E podia acrescentar:—que ninguem lhe quer roubar) «Mas logo estaquei, surprehendido sentindo um delicioso e grato aroma de tabaco de Syria. Num amplo estrado, afogado em divan, com tapetes de Caramania e velhas almofadas de seda, reclinavam-se tres turcos, barbudos e graves, fumando longos cachimbos de cereja. Tinham dependurado na parede as suas armas. O chão estava negro dos seus escarros. E, diante um servo em farrapos esperava, com uma taça fumegante de café na palma de cada mão.

Pensei que o Catholicismo, previdente, estabelecera á porta do lugar divino uma Loja de bebidas e aguas-ardentes, para conforto dos seusromeiros.

Disse baixo á Potte: Grande idéa! Parece-me que também vou tomar um cafésinho!

Mas logo o festivo Potte me explicou que esses homens serios, de cachimbo, eram soldados musulmanos policiando os altares christãos, para impedir que em torno ao m. usoleu de Jesus se dilacerem por superstição, por fanatismo, por inveja de alfaias, os Sacerdotes rivaes que allí celebram os seus Ritos rivaes.—Catholicos como o Padre Piubeiro, Gregos orthodoxos para quem a cruz tem quatro braços, Abissynios e Armenios, Coptas que descendem dos que outr'ora em Memphis adoravam o boi Apis, Nestorianos que veem da Chaldéa, Georgianos que veem do mar Caspio, todos intolerantes, todos ferozes!... Então saudei com gratidão esses soldados de Mahomet que, para manter o recolhimento piedoso em torno do Christo Morto, serenos e armados, velam á porta, fumando.

Logo á entrada paramos diante de uma lapide quadrada, incrustada nas lagens escuras, tão polida e reluzindo com um tão doce brilho de nacar que parecia a agua quieta d'um tanque onde se reflectiam as luzes das lampadas. Potte puxou-me a manga, lombrou-me que era costume beijar aquelle pedaço de rocha, santa entre todas, que outr'ora, no jardim de José d'Arimathéa.....

—Bem sei, bem sei... Beijo, Topsis?

—Vá beijando sempre disse-me o prudente historiographo dos Herodes. Não se lhe pega nada; e agrada á senhora sua tia.

Não beije. Em fila e calados, penetramos n'uma vasta cupula, tão esfumada no crepusculo que o circulo de frestas rodondas na cimalha brilhava apenas, pallidamente, como um aro de perolas em torno de uma tiara; as columnas que a sustentam, finas e juntas como as lanças de uma grade, riscavam a sombra em redor—cada uma picada pela manchas vermelha e mortal d'uma lampada de bronze. Ao centro do lagado sonoro elevava-se espelhado e branco, um Mausoleu de marmore, com labores e com flores:

(Continúa)

A. d'Oliveira Costa.

## TRANSCRIPÇÃO.

### CHEGADA DE SUAS MAGESTADES

Em busca do «CONGO»

Às 3 h 12 horas da madrugada a fortaleza de Santa Cruz annunciou com tres tiros de canhão que o paquete «Congo» cruzava em frente a Cabo-Frio.

Immediatamente subiram ao ar, partida do morro do Castello, duas gyrandolas de centenaes de foguetes.

Era o signal combinado.

D. Pedro II e sua illustra consorte navegavam em aguas brasileiras.

Às 4 h 12 os dous couraçados «Aquidaban» e «Riachuelo» largavam das respectivas boias em busca do paquete em que tornavam á patria os augustos viajantes.

Uma manhã primaveril, fresca, limpida, começava o dia que sempre será lembrado de todos os brasileiros.

As duas possantes machinas de guerra, impellidas pelas gigantes cas helices, sulcaram as aguas da formosa bahia, indo na frente o Aquidaban no qual arvorara seu pavilhão o chefe Piquet, seguido do Riachuelo que navegava em suas aguas.

A bordo do primeiro achavam se os representantes da imprensa que foram gentilmente tratados pela digna officialidade do Aquidaban. Logo que os couraçados passaram a fortaleza de Santa Cruz moderaram a marcha, seguindo a meia força em direcção norte.

Docemente emballados pelas ondas os elegantes navios de guerra seguiam ao longo da costa, procurando no horizonte o primeiro signal do Congo.

Eram seis horas e cincoenta minutos quando o gageiro annunciou o paquete, á leste da Ponta Negra.

Immediatamente começaram os aprestos para o encontro.

Rufar de tambores, clangor de cornetas, trilados de apitos confundiam-se. Dir-se-hia que a valente marujada brasileira ir pegar em armas para entrar em combate.

Com uma rapidez incrível estavam todos a postos, tudo preparado, a officialidade trajando segundo uniforme.

Avançaram os couraçados sobre o Congo que vencia o espaço que os separava.

De subito, obodecendo a um signal determinado, os dous navios embandeiraram elegantemente em arco.

Eram 7 horas e 10 minutos. O Congo correspondeu áquella manifestação, embandeirando por sua vez.

Às 7 horas 15 minutos, ao signal de «Salve» erguido pelo Aquidaban e ao pedido de noticias, respondeu o paquete francez com outro signal significando que Sua Magestade ia de perfeitissima saude.

Quando o Congo por fim entrou em aguas dos couraçados, uma habil manobra do Riachuelo collocou-o entre ambos os navios brasileiros.

Eram 7 horas e 20 minutos e os primeiros tiros de canhão partidos dos nossos navios saudavam SS. MM.

ImpONENTE manifestação! A marujada trepada nas enxarcias, envolta no denso fumo dos canhões, atirava no meio da vastidão do oceano os vivos entusiasmas dos primeiros brasileiros que tinham a ventura de saudar os seus imperantes.

A bordo do Congo uma multidão de passageiros, um verdadeiro formigar de cabeças, debruçava-se á amurada do navio e respondia aos nossos marinheiros, acompanhando-os em sua saulção.

Seguiu então o paquete em demanda da barra, escoltado por dous coarçados e mais pelo Purús, a Braconnot e o Aguiar.

As 8 horas e tres minutos frontava o paquete a fortaleza de Santa Cruz.

Do alto do Pão d'Assucar, sobre o qual destacava-se a bandeira que os alumnos da Escola Militar foram cravar sobre o rochedo e na qual lia-se a oitavo á palavra—Salve—, foram dados 24 tiros com bombas de dynamite.

Ao mesmo tempo a fortaleza de Santa Cruz dava a alva do estylo, prestando a continencia sua garnição formada sobre suas muralhas.

Responderam então as outras fortalezas que por sua vez faziam resoar o estrugir do canhão que o echo transmitia de monte em monte, de rochedo em rochedo.

Era bello então o aspecto da bahia.

Um enxame de embarcações começou a silar o Congo, a seguir-lhe a esteira, partido de todos os pontos entusiasticos vivas.

As 8 horas e 20 minutos detava o ferro em frente a Villegaignon o navio que trazia os imperantes.

Barcas, lanchas a vapor, escares acercavam-se do paquete, e dos reflectos de passageiros curiosos por ver o imperador, sentia a satisfação de vel o restabelecimento de sua longa e dolorosa enfermidade.

Chegou então o Congo a galeota imperial em que vinham Sua Altezas.

No mar

As 6 1/2 horas da manhã largou do arsenal de marinha a galeota imperial levando a seu bordo Sua Alteza a Princesa Regente e seu augusto esposo e filhos, os camaristas de semana, conselheiro João Alfredo, presidente do conselho; Antonio Prado, ministro da agricultura; Costa Pereira, ministro do imperio; Thomaz Coelho, ministro da guerra; Rodrigo Silva, ministro dos estrangeiros; Vieira da Silva ministro da marinha; Ferreira Vianna, ministro da justiça; comissões do senado, da camera dos deputados, da municipalidade, diplomatas e officiaes graduados da armada.

Após a galeota, seguiam em demanda da barra, n'um brilhante cortejo, os paquetes Rio Pardo e Riachuelo, embandeirados em arco, e 49 lanchas a vapor, todas com a bandeira, brasileira a bordo das quaes iam representadas diversas comissões de sociedades scientificas e de beneficencia.

Em uma dessas lanchas vimos o Sr. visconde de S. Luiz do Maranhão senador do imperio.

Em outra vimos o Sr. Barros Barreto, sua Exma. esposa e um filho.

Em uma lancha a vapor, tendo na proa a bandeira brasileira, vimos a redacção da Gazeta de Noticias, representada pelos Srs. Drs. Ferreira de Araujo e Derval da Fonseca e Montauray. Ao passar a galeota pelas fortalezas de Willegaignon e Santa Cruz foram dadas as salvas do estylo, tocando nessa occasião a banda de musica da garnição o hymno nacional.

Depois de sahirem fóra da barra todas as embarcações e como fosse cedo ainda para a entrada do paquete que trazia a seu bordo

os imperantes, a luzida comitiva para ganhar tempo poz-se a sulcar a bahia. (Continua)

MISCELLANEA.

S. exc. sr. Presidente da Provincia manda fazer publico para conhecimento de todos, que dará audiencias em todos os dias uteis do meio dia ás 2 horas da tarde, recebendo porém os chefes das diferentes repartições publicas a qualquer hora.

Secretaria do Governo do Piahy em Theresina 1.º Outubro de 1888 O Secretario Interino João Augusto Rosa

REORGANIZAÇÃO DO EXERCITO

O Diario official publicou o decreto que reorganizou o exercito.

A arma de engenharia constará de dous batalhões de quatro companhias; a de artilharia, de quatro regimentos de companhia com quatro baterias de seis peças cada uma e de quatro batalhões, também de quatro baterias cada um; a de cavallaria de dez regimentos de quatro esquadões cada um; e a de infantaria de vinte e sete batalhões de quatro companhias cada um.

O effectivo do exercito será o seguinte, quanto ás praças:

Table with 3 columns: Armas, Paz, Guerra. Rows include Engenheiros, Artilharia, Cavallaria, Infantaria, Transportes, and Total.

Os quatro dos officiaes arregimentados passou a ser o seguinte por armas:

Table with 2 columns: Armas, Officiaes. Rows include Engenheiros, Artilharia, Cavallaria, Infantaria, Transportes, and Total.

Vê-se por este quadro que grande numero de officiaes subalternos, cerca de 300, ficarão aggregados, e demorada por muito tempo a promoção de todos os officiaes.

Leis sancionadas.

Já se acham sancionadas pela Presidencia da Provincia as Resoluções seguintes:

N. 1175. Isenta do pagamento de direitos ou impostos provinciaes e municipaes todos os materiaes e utensilios importados para a fundação da fabrica de lãção n'esta capital.

N. 1176. Declara irmãos da irmandade de N. S. das Mercês, de Jacó, não só as pessoas que assignaram o novo compromisso, como as que, sendo irmãos instituidos por força do compromisso anterior, não estão assignadas no novo.

N. 1177. Autorisa o Presidente da Provincia a mandar sustar a expedição de mandatos executivos contra os devedores do Thesouro Provincial, do imposto sobre es cravos.

N. 1178. Estabelece o imposto de 5% sobre tudo de algodão a todos os gneros de produção da Provincia, que foram exportados.

N. 1179. Approva o credito de um conto de reis aberto pelo Presidente da Provincia, para occorrer ás despesas autorizadas pela Res. n. 1133 de 8 de julho de 1885.

N. 1180. Declara que os empregados provinciaes, exceptos os professores de instrucção primaria,

só terão direito á vitaliciedade depois de 5 annos de effectivo exercicio.

N. 1181. Autorisa o presidente da provincia a mandar indenisar pelos rendimentos da camara municipal d'esta capital a Antonio Ribeiro Soares a quantia de 615000 de custas judiciaes.

N. 1182. Sujeta d'ora em diante ao imposto de escriptorio os procuradores licenciados para patrocinarem qualquer causa em que exerçam em nome de outrem acto judicial.

N. 1183. Estabelece a ordem de preferencia para pagamento dos vencimentos dos empregados publicos provinciaes.

N. 1184. Crea nas collectorias dos municipios da provincia o registro geral dos ferros de que usão os fazendeiros.

N. 1185. Extingue o lugar de director geral da instrucção publica e da Escola Normal e manda que as attribuições que competiam a esta função sejam exercidas pelo tenente mais antigo do Lyceo.

Dr. Urbano Burlamaqui

Revolução-se a 2 do amado a partho do illustre dr. Urbano Burlamaqui Castello Branco para a corte do imperio.

Um numerooso concurso de amigos deste cavalleiro compareceu ao seu bota-fôra.

Na rampa a musica de policia fez-lhe as honras da despedida.

Uma feliz viagem é o que desejamos ao distincto piahyense.

Imposto de transitio.

O exm. sr. dr. Baimundo José Vieira da Silva, digno administrador da provincia, nega sanção ao projecto do corpo legislativo que creava o imposto de transitio.

Já nos tinhamos manifestado contra essa medida vexatoria e inconstitucional, quando hontem tivemos noticia do acto correctissimo do joven administrador.

S. exc. andou bem, tanto quanto deviamos esperar da sua intelligencia robusta e elevados sentimentos de justiça.

O corpo commercial, possuido de justo jubilo por este facto, promoveo hontem mesmo uma imponente manifestação de apreço e agradecimento ao illustre sr. dr. Vieira da Silva.

As 4 horas da tarde, em virtude de convite da commissão do commercio, o salão do theatro Concordia regorgitava de povo, sahendo-se a distincta classe commercial.

Depois de entusiasticos discursos proferidos pelos srs. dr. Hygino Cunha, Con g. Moraes Rego e capitão Sampaio, partho a discussão para o pbleto do governo em meio de vivas estrepitosos. Admittida a commissão, seguida de enorme massa popular, á presença de s. exc., com as distinctas manieiras, que o caracterisam, usaram da palavra os illustres dr. Hygino Cunha e Con g. Moraes Rego, manifestando a todos os jovenes administradores a gratidão do commercio e do povo em geral pelo acto de verdadeira justiça que acabava de praticar.

Sahindo do palacio presidencial dirigio-se a passadeira a redacção deste jornal, saudando em seu theatro os membros do corpo commercial.

Em frente a nossa officina oraram os srs. dr. Hygino Cunha, capitão Sampaio e o representante desta folha.

Sempre entusiasta e durante a dirigio-se o coraço prestado pela rua Bella e Paysantú eruzendo estrepitosos vivas aos commerciantes residentes nas ruas e chegando a casa do sr. tenente coronel Paz, fizeram-se de novo ouvir os srs. dr. H. Cunha e capitão Sampaio, que foram calorosamente applaudidos.

Dahi dirigiram-se todos a casa do rev. sr. Con g. Moraes Rego S. exc. foi saudado pelo rector deste jornal e usou em seguida da palavra pronunciando em nome de freneticos applausos, um discurso brillantissimo.

Foi tambem saudada a redacção da Tribuna, e sahio a 8 1/2 horas da noite quando terminou a passadeira, dispersando-se o povo em frente a casa do sr. tenente coronel Manoel da Paz, depois de ter sido orado os srs. dr. Cunha e capitão Sampaio.

Destle a hora em que foi conhecido o acto presidencial até terminar-se esta apparatosa manifestação uma enorme quantidade de foguetes estrugiu sem cessar nos ares.

Em toda esta festa popular reinou a melhor ordem.

Identificada com os sentimentos da população desta capital, que recebem hontem cheios de jubilo a noticia do volte presidencial ao projecto do novo imposto, a redacção do «Telephone» vem por sua vez render ao exm. sr. dr. Vieira da Silva o preito da sua admiração.

Exames geraes.

Achto-se abertas desde o dia 1.º do corrente as inscrições para os exames geraes de preparatorios—que terão lugar no primeiro dia util de Novembro.

C. Bischoff

Vimos trabalhos deste distincto photographo, preparados nesta cidade.

São correctos e confirmam o bom conceito que o precedeo.

O seu atelier está a disposição do publico.

Está na rua Bella n.º 33.

Curso secundario.

O nosso distincto amigo dr. Netto Netto, acaba de abrir um curso de instrucção secundaria, conforme seu annuncio em outro lugar estampado.

É uma boa nova para a mocidade estudeca.

O dr. Netto recomenda-se por sua intelligencia superior e decidido apego ao trabalho.

Alferez Vicente

Com destino ao Maranhão partho a 2 do corrente o sr. alferez Vicente Franco.

Desjamos ao digno militar uma boa viagem.

Jury.

Hontem encerrou-se o trabalho da 3.ª sessão d'este tribunal no corrente anno.

Foram julgados: —José Pereira da Silva, conhecido por José Gato, crime ferimentos leves,—absolvido.

—O mesmo—crime furto, absolvido por perempção da acção.

—Nemesio da Silva Passos, crime ter. m. nos graves,—cond. mado no medio da art. 205 do cod. crim.

—Domingos Ferreira Duarte, Manoel Ferreira Duarte e José Ferreira Duarte,—crime ferimentos graves,—absolvidos por perempção da acção.

Partida

Para o Ceará partho a 2 o illustre sr. capitão Marquês Gil Castello Branco, a quem desejamos uma feliz viagem.

Artistas dramaticos.

Acabam de chegar a esta cidade os artistas dramaticos José de Lima Lisboa e sua sra. que pretendem dar alguns espectaculos no nosso theatro.

Trabalham correctamente, segundo nos informam.

A Imigração.

Recebemos a 3.ª parte de um importante trabalho do sr. dr. Antonio Joaquim de Albuquerque Paes, presentemente nesta capital, que tem o titulo que encabeça estas linhas.

O sr. dr. Paes trata proficentemente desta momentosa questão encerrando-a sob multiplos pontos de vista.

Somos gratos a delicadeza do illustre sr. dr. Paes.

Major Gonzalez.

Para a capital do Maranhão partho a 2 do corrente, com sua exm. familia, este nosso distincto amigo, a quem desejamos uma viagem honerosa.

EDITAL

Para os fins seguintes, faço publico q' a aferição geral de pesos e medidas deste municipio, ultimará no dia 31 deste corrente mez seguinte achando-se para esse fim a respectiva repartição a berta, das 8 horas do dia, as 3 da tarde. Theresina, 2 de Outubro de 88.

O Alferiv Fiscal

Marcos José Evangelista.

Annuncios.

«Curso secundario»

QUERER É PODER.

O bacharel A. S. Melo e Netto lecciona em sua casa á rua do Barroso, mediante 35000 reis por mez, cada um dos seguintes pre-

paratorios: Portuguez, Francez, Inglez e Geographia physica e astronomica. O estudo do Francez e do Inglez será feito segundo um novo methodo pratico, simples e atractivo, segu do actualmente nos paizes civilizados, isto é, aprender qualquer lingua estrangeira do mesmo modo que aprendemos a lingua materna, segundo assim o caminho que nos traçou a natureza; de sorte que no fim do curso que não excederá d'um anno, o alumno estará habilitado a fallar e a escrever correctamente a nova lingua sem fatigar a memoria com significados, nem estereis paginas de grammaticas.

Se o alumno que estudar mais de uma materia far-se-á um abafinmento. O mesmo professor compromette-se a ensinar em cazas particulares mediante previo ajuste.

Theresina 2 de outubro de 1888.

PHOTOGRAPHIA ARTISTICA

C. BISCHOFF

Rua das Barrocas n.º 16-Maranhão

Tenho o proprietario d'este acreditado estabelecimento voltado de sua viagem aos Estados Unidos e Antilhas, onde estudou os mais recentes melhoramentos fez aquisição das melhores machinas empregadas na arte photographica, offerece os seus serviços n'esta arte ao respeitavel publico d'esta capital.

Outrosim, convivia a'quelles que têm verdadeiro gosto pela photographia a vi-itar o seu atelier, sito á rua Bella n.º 33.

O atelier está aberto todos os dias uteis, domingos e dias santos das 8 horas da manhã ás 4 horas da tarde.

Tirão-se retractos somente das 8 horas da manhã ás 2 horas da tarde.

O tempo encoberto é preferido.

FABRICA VERA-CRUZ.

Este estabelecimento recebeu o seguinte:

Charutos n.º 1 em maços de 100—um 2) reis.—100—1500

Ditos n.º 2 em maços de 100—um 30 reis 100—2.500.

—Ditos Feodora em maço de 100, um 50—reis.—100—4.500.

Ditos Trabacos em maço de 100, um 60 rs. 100 5.000.

Rapê Estevão Gasse fino; prego d) costume.

Bolças, cigarreiras, piteiras e cachimbos de diversas qualidades.

Cera em vellas superior, em caixas de 7 1/2 kilos, sortidas, e vende-se muito barato por ser consignação.

Continúa a ter grande deposito de afamado sabão familiar, do Pernambuco, a 6.000 reis caixa de 32 libras Guaraná superior a 105000 reis o kilo.

Alta Novidade

Chamamos a attenção do commercio piahyense para a grande queima que estamos fazendo nos cigarros e fumos, cujo prego é admiravel, como se vé da nota abaixo:

1 milheiro de cigarros amarelos 3:000

1 dito idem, brancos, fumo de Bahia do Rio Novo 6:500

Idem, idem, idem. Codó 6:000

Idem, idem, idem. Goyaz 5:000

Idem, idem, idem. Pófy, idem 4:000

1 quarta de fumo desfiado Rio Novo em pacote 360

1 dita de dito Codó 320

1 " " " Goyaz 280

1 " " " Pófy 200

Estes cigarros e fumos que só se encontram na Fabrica S. FRANCISCO e em casados Srs. João da Cruz & Irmãos não só se recomendam pelo prego e, assim como pelas qualidades excellentes

14 Rua do Barroso 14. Francisco Gondia & Comp.